

PSICODIAGNÓSTICO EXISTENCIAL FENOMENOLÓGICO DE UM PERSONAGEM DE HERMANN HESSE

MARIA LAURA DE OLIVEIRA COUTO¹; ÉDIO RANIERE²

¹Universidade Federal de Pelotas – lauracouto@uol.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – edioraniere@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado na disciplina de Teorias Humanistas do 6º semestre do curso de Psicologia, e consiste em um psicodiagnóstico existencial-fenomenológico do personagem Sidarta de Hermann Hesse.

Teve como objetivos auxiliar na compreensão da construção da matriz existencial-humanista e entender a visão do ser humano sob essa perspectiva teórico-conceitual, além de colocar em prática a interpretação do desenvolvimento humano a partir dessa construção teórica.

Para a sua realização, foi utilizado, como principal referencial teórico, o livro de Monique Augras “O Ser da Compreensão – Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico”, além de conceitos de Martin Heidegger presentes em obras de sua própria autoria, como “Cartas sobre o Humanismo” e em obras de outros autores, como em “História da Filosofia” de Bernadette Siqueira Abrão, “O Existencialismo é um Humanismo” de Jean-Paul Sartre, “Heidegger Urgente” de Oswaldo Giacoia Jr., entre outros.

De acordo com AUGRAS (2012, p.10) o psicodiagnóstico existencial-fenomenológico consiste em “identificar e explicitar o modo de existência do sujeito, no seu relacionamento com o ambiente, em determinado momento”. Portanto, o objetivo desse tipo de psicodiagnóstico não é fazer intervenções ou encaminhamentos para qualquer tipo de psicoterapia, mas possibilitar uma compreensão da situação existencial de um indivíduo em determinado momento de sua vida. Essa compreensão do momento existencial de um sujeito se dá a partir da observação de como ele se relaciona com o tempo, o espaço, o outro e a sua obra.

Da mesma forma, AUGRAS (2012, p.12) faz referência aos conceitos de saúde e doença para essa perspectiva teórica, caracterizando a saúde da seguinte forma:

A saúde não é um estado, mas um processo, no qual o organismo vai se atualizando conjuntamente com o mundo, transformando-o e atribuindo-lhe significado à medida que ele próprio se transforma.

Enquanto que, em relação ao conceito de doença, AUGRAS (2012, p.12) afirma que “haverá doença na medida em que o indivíduo responder inadequadamente à determinada situação, colocando em risco a sua própria sobrevivência”.

Outros conceitos da fenomenologia que são utilizados como base para o psicodiagnóstico de Sidarta, são os de autenticidade, aceitação da temporalidade e vazio existencial.

2. METODOLOGIA

O psicodiagnóstico existencial-fenomenológico se dá a partir da compreensão da situação existencial de um indivíduo em sua relação com o tempo, o espaço, o outro e a sua obra. Portanto, o personagem Sidarta foi analisado a partir dessa perspectiva. Além disso, foi estabelecido um paralelo entre os conceitos integrantes da fenomenologia, como autenticidade, aceitação da temporalidade, vazio existencial e a história do personagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à temporalidade, AUGRAS (2012) fala da divisão que fazemos do tempo em presente, passado e futuro, e o fato de que costuma-se perceber o passado como algo estanque, imutável, e o futuro apenas como um projeto que não se relaciona com os demais tempos. Sidarta consegue aceitar que passado, presente e futuro constituem um só tempo, uma unidade. Dessa forma, o passado não seria algo estanque, separado do presente, mas algo mutável, ou seja, que pode mudar de significado à medida que se tem novas experiências. Igualmente, para Sidarta, o futuro não seria apenas projeto, à medida que também se mescla com o presente. Outro aspecto que AUGRAS (2012, p.37) traz em sua obra, é que “na nossa cultura o homem substitui a afirmativa “o tempo é a morte” por “o tempo é dinheiro”. Da mesma forma, Sidarta faz essa substituição em sua vida no período em que trabalhou como comerciante.

Quanto à relação de Sidarta com o espaço, cabe trazer a seguinte afirmação de AUGRAS (2012, p.46) “o espaço do nosso corpo anatômico se estende até onde vai esta sensação de unidade conosco”. No caso de Sidarta, a extensão não é apenas do corpo anatômico, mas uma extensão do corpo espiritual, pois ele não ocupa apenas o espaço de seu corpo, mas ele sai do mesmo para viver no lugar de elementos da natureza, como árvores e pássaros. Ainda em relação ao paralelo do espaço com o corpo, AUGRAS (2012) também afirma que a consciência de ser um corpo é muito importante para que consigamos distinguir o que é nosso e o que é exterior, além de contribuir para a ideia de identidade do homem, à medida que o corpo também possibilita a diferenciação entre o eu e o outro. Porém, em um determinado período de sua existência, o corpo de Sidarta não funcionava como uma delimitação entre o que era seu e o que era exterior, assim como também não contribuía para a formação de uma identidade bem definida, visto que o personagem, numa tentativa de anular o próprio *eu*, passava muito tempo vivendo através de elementos da natureza ao invés de viver através de si próprio.

No que se refere à relação de Sidarta com o outro, vale citar o conceito de Homo Duplex de MORIN (1969), que alude ao fato de que o outro está dentro de nós e nós estamos dentro do outro e que, portanto, nunca somos um só. De fato, Sidarta mostra ao longo do livro que tem dentro de si pessoas muito importantes, pois além de assumir a falta que essas fazem em sua vida, ele as mantém constantemente em sua memória. Outro conceito de AUGRAS (2012) que merece ser abordado é o de máscara, que ao invés de significar uma forma de esconder, como se entenderia a partir do viés psicanalítico, a máscara seria uma forma de mostrar e de ostentar. Assim, Sidarta ostentava sua realidade e suas crenças ao

longo dos diferentes períodos de sua existência através de seu corpo. Em um determinado período, enquanto foi Samana (grupo de mendigos nômades) ostentou cansaço, fome, sede e doença, enquanto que quando foi comerciante, ostentou luxo, desejo e riqueza.

Ainda no que se refere à sua relação com o outro, cabe colocar que é na tentativa de compreender o método do Buda de se atingir a plenitude espiritual, que Sidarta encontra a si próprio, o que remete à seguinte afirmativa de AUGRAS (2012, p.63):

Os outros não designam a totalidade daqueles que não sou, dos quais me separo, pelo contrário, os outros são aqueles dos quais a gente não se distingue, e entre os quais se encontra também.

Por fim, pode-se dizer que é possível entrar em contato com a obra de Sidarta através de sua fala, pois é através desta que se pode entender a sua obra implícita, ou seja, a sua própria vida, o seu percurso para encontrar-se e para atingir a plenitude espiritual. Outra ideia que a autora traz em sua obra, é de que “toda criação requer uma destruição” (AUGRAS, 2012, p.103).

Essa afirmação caracteriza o momento em que o personagem pensa em suicidar-se, pois antes disso ele entendia seu passado e suas experiências como sendo pecaminosos e sem sentido, não aceitava a unidade do tempo e vivia com pressa para alcançar suas metas, ou seja, para alcançar o futuro. Ele não chega a cometer o suicídio, mas algum tempo após essa ideia passar-lhe pela cabeça, e ele dar-se como destruído, mesmo que temporariamente, Sidarta vive o anseio pela retomada do poder perdido, quando acaba criando uma nova forma de perceber a própria vida, suas experiências e a questão da temporalidade.

Como resultado final do psicodiagnóstico, pode-se dizer que o personagem viveu por muito tempo alheio a si próprio, vivendo da experiência, da opinião e dos rituais criados por outros para se alcançar a plenitude espiritual, o que o poupava da angústia e do vazio existencial ao afastá-lo da autenticidade de sua existência. Contudo, após o momento em que cogitou suicidar-se, o que pode ser caracterizado como o momento de doença de Sidarta, ele foi capaz de dar novo significado às suas experiências e viver de uma forma mais autêntica, aceitando a finitude, a temporalidade, e o fato de que nem sempre seria possível alcançar os fins desejados, mas que bastava estar a caminho dos mesmos.

4. CONCLUSÕES

Compreendemos o presente trabalho como inovação metodológica em se tratando de nossa formação em psicologia. Visto que nos possibilitou, como estudantes da área, um método de aprendizagem acessível e ao mesmo tempo rigoroso. Método que nos estimulou a leitura de clássicos da literatura mundial, exigindo simultaneamente precisão no estabelecimento de paralelos com os conceitos e fundamentos de uma importante matriz – escola – da psicologia. Dessa forma, o psicodiagnóstico aqui apresentado nos parece uma ferramenta metodológica, a partir da qual tivemos a oportunidade de estabelecer uma compreensão fenomenológica-existencial a respeito do ser humano, colocando em prática a teoria psicológica que estudamos neste último semestre.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, B. S. (Org.). **História da Filosofia**. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

BLACKHAM, H. J. **Objecções ao Humanismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

GIACOIA, O. Jr. **Heidegger Urgente Introdução a um novo pensar**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

GILES, T. G. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1975.

HEIDEGGER, M. **Carta Sobre o Humanismo**. São Paulo: Centauro, 2005.

MONIQUE, A. **O Ser da Compreensão: Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MORIN, E. **Le vif du sejut**. Paris: Le Seuil, 1969.

SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2012.